

GRUPO DE TRABALHO

PÓLOS DE COMPETITIVIDADE E CLUSTERS

Audições

Com vista à recolha de contributos dos Pólos de Competitividade e Clusters, solicita-se uma resposta, tão sintética quanto possível, às seguintes questões:

SECTOR:

1. Caracterização (localização geográfica, emprego, volume de negócios, peso no PIB)
2. Relação com o Estado (financiamento e outros)
3. Práticas de internacionalização
4. Principais ameaças e oportunidades identificadas

PÓLO DE COMPETITIVIDADE / CLUSTER:

1. Balanço da actuação desde 2008
2. Financiamento de projectos (público/privado/parcerias), nomeadamente no âmbito do QREN
3. Execução física e financeira

RESPOSTAS DO PÓLO DE COMPETITIVIDADE DA ENERGIA

ESCLARECIMENTOS PRÉVIOS:

O “**ENERGYIN – Pólo do Competitividade e Tecnologia da Energia**” tem por missão contribuir para o aumento da competitividade das empresas portuguesas da área da energia (indústria e serviços) através do desenvolvimento tecnológico e da inovação, com ênfase nas energias renováveis e na eficiência energética.

São cinco as Fileiras Estratégicas do ENERGYIN estabelecidas pelos seus Associados Fundadores: eficiência energética, energia solar, energia offshore (ondas e vento), energias para a mobilidade sustentável e redes avançadas.

O início da actividade operacional do ENERGYIN ocorreu apenas em Abril de 2010 (mais tarde do aconteceu com a generalidade dos Pólos de Competitividade).

São prioridades actuais do ENERGYIN:

1. O desenvolvimento de competências de inovação nas empresas portuguesas, nomeadamente através da formação de parcerias entre empresas e entidades do sistema científico e tecnológico, para participação conjunta em projectos de I,D&D, tanto no âmbito nacional como no internacional.
2. A criação das infra-estruturas indispensáveis para que os esforços de progresso tecnológico e de inovação, desenvolvidos em Portugal, tenham as mesmas hipóteses de sucesso que nos outros países com que competimos.
3. A identificação de tecnologias de vanguarda, desenvolvidas no estrangeiro, que as quais as empresas portuguesas possam também criar riqueza e emprego qualificado, investindo isoladamente ou em joint-ventures, eventualmente com os proprietários dessas tecnologias.
4. O associativismo na promoção internacional dos produtos e serviços portugueses nas áreas de interesse do Pólo, com destaque para as "ofertas inovadoras". (Visando a obtenção de maior visibilidade e prestígio, além de sinergias na vertente dos custos).

SECTOR:

1. Caracterização (localização geográfica, emprego, volume de negócios, peso no PIB)

O ENERGYIN tem a sede em Aveiro e possui também um escritório em Lisboa. Porém, o seu âmbito de actuação estende-se a todo o território nacional.

Lamentamos não dispor ainda dos dados solicitados referentes ao sector Energia – emprego, volume de negócios, peso no PIB – que também nos interessaria conhecer, não só para o sector completo como para o subsector das Energias Renováveis. Na verdade, ainda não conseguimos localizar esses dados, que admitimos estejam disponíveis no INE.

2. Relação com o Estado (financiamento e outros)

O ENERGYIN não possui qualquer base de dados referente à relação estabelecida, até agora, entre as empresas do sector e o Estado. Acreditamos que o COMPETE saberá responder à questão respeitante ao financiamento do Estado às empresas, deste e de outros sectores.

3. Práticas de internacionalização

As empresas portuguesas – sobretudo através da EDP, que vem ocupando o 3º lugar do ranking mundial das empresas que mais têm investido em capacidade de produção de electricidade a partir de fontes renováveis de energia (hidroelectricidade excluída) – ocupam uma posição verdadeiramente destacada enquanto “utilizadoras” de energia renovável. Mais em países estrangeiros do que em Portugal, o que é fácil de explicar face à reduzida dimensão relativa do nosso país.

Já na vertente da produção de equipamentos para a conversão de energias renováveis, a posição portuguesa é bem mais modesta e as exportações têm expressão reduzida, apesar do importante mercado potencial que as empresas portuguesas – desde que competitivas – podem disputar (basta reparar no volume de compras da EDP Renováveis). Essa é uma das razões que justificam a existência do ENERGYIN.

4. Principais ameaças e oportunidades identificadas

O facto de os principais blocos económicos mundiais (Europa, EUA, China, Japão) apostarem, sem excepção, num aumento substancial do peso das energias renováveis no “cabaz energético” a todos os níveis (nacional, regional e mundial) e definirem objectivos ambiciosos para as suas próprias políticas, demonstra, sem margem para dúvidas, que se vai assistir a um crescimento “explosivo” do investimento em energias renováveis. A “grande oportunidade” reside, pois, na enorme dimensão expectável do mercado. Uma vantagem específica de Portugal consiste na “boa qualidade” das fontes de energia renovável disponíveis no nosso país, que reduz o ónus da criação dum “nível adequado de procura” para as novas tecnologias energéticas (sem o qual as empresas emergentes – o “empreendedorismo inovador” – não teriam condições de sobrevivência na sua crítica “fase de infância”).

A principal ameaça consiste em as empresas portuguesas não serem capazes de ganhar o importantíssimo desafio em que vão participar, lado a lado com países melhor apetrechados no tocante a infra-estruturas (laboratórios, centros de testes e respectivos orçamentos) e à capacidade científica. As comunidades empresarial e científica portuguesas (mas também as autoridades do país, que terão igualmente um papel a desempenhar neste processo) terão de usar um “trunfo” psicológico: ficar entre os triunfadores (não haverá só um ganhador!) será de importância absolutamente decisiva para o futuro da indústria portuguesa e para a qualidade de vida dos portugueses! Isto parece ser mais verdade para Portugal do que para qualquer dos nossos competidores.

PÓLO DE COMPETITIVIDADE / CLUSTER:

1. Balanço da actuação desde 2008

Como já referimos nos esclarecimentos prévios, o início da actividade operacional do ENERGYIN ocorreu apenas em Abril de 2010. Dois meses mais tarde, teve lugar um encontro em Aveiro com vista à identificação de projectos de I,D&D com real interesse para as empresas, a serem desenvolvidos em parceria. Nesse encontro estiveram presentes 30 empresas, 8 entidades do sistema científico e tecnológico nacional e 2 entidades governamentais. Foram apresentados e

discutidos 10 projectos, alguns dos quais poderão ser concretizados quando for lançado, no âmbito do QREN, um concurso onde possam ser enquadrados.

Com início no dia 26 de Outubro p.f. dar-se-á início a uma série de *workshops* – alguns dos quais co-organizados pelo ENERGYIN e pela DGEG - Direcção Geral de Energia e Geologia – com objectivos idênticos aos do Encontro de Aveiro.

Antes de passarmos à 2ª das prioridades referidas nos “esclarecimentos prévios”, é de referir que o ENERGYIN não pôde ainda iniciar os seus Projectos Âncora – “Criação e Dinamização do Instituto de Energia Offshore” e “Projecto Green Islands” – assim como os respectivos “projectos complementares”, por não terem sido abertos, no âmbito do QREN, concursos onde os primeiros pudessem enquadrar-se.

Em linha com a 2ª prioridade atrás mencionada, o ENERGYIN tinha planeado submeter ao QREN, juntamente com os seus Associados Fundadores, o Projecto de “Criação e Dinamização do Instituto de Energia Offshore”, sem o qual se afigura inviável realizar em Portugal testes de Energia das Ondas ou de Energia Eólica Offshore. Como se explicou atrás, este projecto ainda não pôde ser iniciado.

Para atenderem à 3ª prioridade, o ENERGYIN e alguns dos seus Associados aceitaram dois convites – um do NREL – National Renewable Energy Laboratory dos EUA e o outro da Fundação Fraunhofer, da Alemanha – para irem conhecer o trabalho desenvolvido naquelas instituições e em “empresas satélites”. A visita ao NREL deixou algumas portas abertas, para possível colaboração futura, mas não permitiu detectar tecnologias disponíveis com interesse para empresas portuguesas. A visita a dois Institutos Fraunhofer está presentemente a decorrer; só no final desta semana poderemos fazer um balanço dos resultados desta visita.

Está nos planos imediatos do ENERGYIN pedir a colaboração do MNE para que as embaixadas e consulados portugueses, em países com destacada produção científica e tecnológica, possam participar na busca de tecnologias potencialmente interessantes.

Visando a sua 4ª prioridade, o ENERGYIN já submeteu ao COMPETE um projecto que consiste na concepção e construção dum pavilhão denominado “Renewables from Portugal”, que terá também uma componente institucional e que será apresentado, com uma visibilidade que se pretende elevada, em feiras internacionais de prestígio seleccionadas pelas empresas do sector.

2. Financiamento de projectos (público/privado/parcerias), nomeadamente no âmbito do QREN

Mesmo correndo o risco de repetição, temos de lembrar que os principais projectos – que justificavam, na óptica dos Associados Fundadores, a criação do Pólo – não puderam ainda ser iniciados, tal como os seus projectos complementares, devido ao não lançamento, pelo QREN, de concursos onde os primeiros pudessem enquadrar-se.

No entanto, há que referir que está a decorrer o Projecto “SolarSel – Desenvolvimento de um Sistema Inovador de Selagem de Dye-Sensitized Solar Cells” (o terceiro “projecto âncora” do Pólo, de menor dimensão e impacte que os outros dois) tendo além disso sido candidatado o

Projecto de concepção e construção do Pavilhão “Renewables from Portugal”, cuja avaliação/ resultado ainda se aguarda.

3. Execução física e financeira

A execução física do Projecto de Criação e Dinamização do Pólo foi já, de algum modo, descrita nas linhas precedentes. A execução financeira, no momento da apresentação do último pedido de pagamento ao COMPETE (em 12/10/2010) atingia 32,29%.